

GRILLO, Marlene; FREITAS, Ana Lúcia Souza; GESSINGER, Rosana Maria; LIMA, Valdez Marina do Rosário (Org.). *A gestão da aula universitária na PUCRS*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

Resenhado por César Augusto Soares da COSTA

Quais os rumos que o professor universitário dever seguir para ter um bom desempenho na sala de aula? Que perspectivas incidem sobre o seu papel pedagógico? Onde se configuram as relevâncias e práticas de sua função na Academia? A publicação *A Gestão da aula universitária na PUCRS*, organizada pelas docentes, Marlene Grillo, Ana Lúcia Freitas, Rosa Maria Gessinger e Valdez Marina do Rosário teve princípio na experiência do trabalho de formação docente desenvolvido pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade. De maneira especial, o curso *Docência na Educação Superior da PUCRS*, realizado pela Coordenadoria de Ensino e Desenvolvimento Acadêmico, desde 2007, gerou a necessidade de sistematizar referenciais que contribuam para o aperfeiçoamento da docência universitária assim como para o desenvolvimento da identidade profissional docente na Faculdade. Tais questionamentos, assumidos pelos organizadores desta obra constituem uma entrada para o aprofundamento teórico da reflexão sobre a prática e expressam a intenção de destacar o valor do conhecimento pedagógico para a constituição do conhecimento profissional docente.

No primeiro capítulo, *A Docência na Educação Superior da PUCRS*, apresenta o histórico do trabalho de formação na PUCRS como ponto de partida para contextualizar a reflexão atual, enfatizando o valor da experiência que nela se inscreve. Em seguida, os outros capítulos são abordados por questionamentos que traduzem a intenção de pôr em diálogo o conhecimento pedagógico com a experiência profissional docente na Universidade. De modo breve, nesta resenha assinalamos os artigos que consideramos mais provocantes para a temática em questão abordada pela obra.

Em *Por que o professor faz o que faz na sala de aula?*, desenvolve a compreensão de que, entre outros elementos, a prática do professor resulta de seu entendimento acerca de como ocorrem as relações entre o ensinar e o aprender. Embora nem sempre consciente, o modo como o professor ensina é bastante revelador das concepções

implícitas em sua prática. *Como mobilizar o aluno para o aprender?*, provocação que orienta a reflexão do quarto capítulo, traduz a intenção de problematizar a participação ativa tanto do professor quanto dos alunos na construção de uma “boa aula”, considerando a co-responsabilidade de ambos como sujeitos dos processos de ensinar e de aprender. *Como a avaliação pode contribuir para a aprendizagem?* é o tema que organiza o quinto capítulo, problematizando as relações entre ensino, aprendizagem e avaliação, tendo em vista a promoção da autonomia. As dimensões conceituais e operacionais da avaliação e a autoavaliação como metacognição são desafios que se apresentam à inovação da aula universitária e à alteração das relações professor-aluno-conhecimento.

Em *A pesquisa em sala de aula* é a reflexão inicial, justamente por considerar que a gestão da aula não é algo estático, nem se reduz à aplicação de procedimentos, mas requer a ação-reflexão contínua e vigilante sobre a complexidade das relações que se estabelecem entre as intenções docentes e as expectativas discentes, bem como ao que emerge nessa interação. Trata-se de compreender que a aula é, em si mesma, um processo dinâmico, em que professor, alunos e o próprio objeto de conhecimento implicam-se entre si, (trans)formando-se no percurso de ensinar e de aprender. Compreendida dessa forma, toda a ação docente pressupõe uma atitude investigativa a ser exercida na dinâmica da aula. As abordagens sobre *a aula expositiva* e *a aula expositiva reinventada* desafiam a atualização desse procedimento, à luz das compreensões atuais acerca das relações entre o ensinar e o aprender, bem como das peculiaridades que se apresentam ao cenário da aula de graduação hoje.

Os textos podem ser lidos isoladamente, mas precisam ser compreendidos no contexto da intencionalidade que os articula, qual seja, refletir sobre a qualidade da gestão da aula universitária. Direta ou indiretamente, cada um dos capítulos contém a contribuição da experiência e da reflexão com os professores da PUCRS, bem como as nossas próprias aprendizagens no processo de trabalho com a formação docente. A organização desta obra permite retomar conceitos, rever práticas e perceber as infinitas possibilidades de alteração da dinâmica da aula, considerando a intenção de que professor e alunos sejam sujeitos ativos no processo

de conhecimento. Em geral, os textos desta publicação merecem devido respeito por se complementarem no esclarecimento de conceitos, bem como na apresentação de alternativas práticas propondo desafios não somente aos professores da PUCRS, como também de outras Universidades na qualificação de sua ação pedagógica.

LIMA, D. C. (org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Resenhado por Lucilene Bender de SOUSA

Nesta resenha apresentamos a obra “Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas”. O livro foi publicado em 2009 pela editora Parábola. Seu elenco de autores conta com especialistas de renome na área de ensino de língua inglesa, sendo organizado por Diógenes Cândido de Lima, Doutor em Educação, docente de Língua Inglesa e de Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, além de professor colaborador em outras universidades. O principal objetivo do livro é construir uma base dialogal entre especialistas e professores de inglês, o que por si só é digno de mérito, já que a preocupação em elaborar materiais direcionados à orientação de professores é pouco frequente na academia. Além disso, é admirável o posicionamento dos autores ao desvendarem as falhas reais existentes na formação de professores de inglês nos cursos de graduação do país.

O livro é estruturado em forma de diálogo, um professor pergunta e o especialista responde. Ao todo são 21 perguntas e 45 participantes, o que ressalta a variedade de assuntos e de visões. Sua estrutura interativa torna a leitura prazerosa, já que o leitor pode escolher o que e quando ler. A seguir, apresentamos um resumo, seguindo a estrutura dialógica do livro. Numeramos as perguntas para facilitar a referência e as agrupamos em cinco temas: escola pública e foco do ensino, autonomia, método e avaliação, inclusão, cultura e ideologia, embora esses temas se entrecruzem ao longo dos diálogos.

Muitas questões dirigem-se à temática da escola pública e de suas dificuldades. A primeira refere-se à viabilidade do ensino das quatro habilidades. Discutem-se as orientações dos PCNs, que direcionam o ensino para a leitura, em contrapartida com o princípio comunicativo das línguas, os recursos pedagógicos disponíveis no ensino público, as falhas na habilidade comunicativa do próprio professor e suas consequências para o ensino. Na segunda pergunta, questiona-se a leitura enquanto foco de ensino na EJA. Expondo todos os desafios dessa modalidade, Oliveira faz um interessante histórico sobre o ensino de língua estrangeira no mundo e no Brasil, sua inserção no currículo escolar e sua justificativa. Dessa forma, resgata a importância do ensino de língua inglesa para a formação cultural e linguística do aluno.

O tema persiste; na quinta pergunta são enfocadas as prioridades para o ensino de língua inglesa. Lima elege o texto, oral e escrito, como centro do processo de ensino-aprendizagem, situando objetivamente o papel da gramática como auxiliar na leitura e no uso da língua. Aponta, ainda, os aspectos culturais do trabalho com o texto o qual deve embasar-se na linguística textual, na análise do discurso e na pragmática. Na décima terceira pergunta surgem novamente os problemas do ensino de inglês em escolas noturnas. Scheyerl rediscute vários mitos que prejudicam a concepção de ensino dos professores e refere-se a Paulo Freire para ampliar o conceito de humanismo e orientar o trabalho docente.

A necessidade de autonomia, motivação e empenho do aluno são também inúmeras vezes mencionada. Os professores, sabendo que os alunos só conseguirão atingir um bom nível na língua se estudarem em casa, manifestam suas preocupações e pedem orientações sobre como incentivar a autonomia. A terceira pergunta centra-se no conceito de autonomia e no modo de favorecê-la diante da desmotivação dos alunos. Paiva relata sua pesquisa com corpus de narrativas de aprendizagem e traz o olhar do aluno para o debate, apostando no seu papel como principal colaborador para o aprendizado. Além disso, sugere atividades e práticas para o professor que enfrenta falta de recursos didáticos. A discussão passa para o ensino universitário. Na sétima pergunta debate-se sobre os centros de aprendizagem autônoma e sua contribuição para o desenvolvimento de alunos dos cursos de Letras. Cruz faz um breve histórico do conceito de autonomia, vinculando-o ao de

responsabilidade. Relata a experiência com o centro de aprendizagem da UESB e reitera o papel fundamental do professor como orientador e incentivador da autonomia, do aprender a aprender e do desenvolvimento da percepção de si mesmo, por parte do aluno, como responsável pelo próprio aprendizado.

Outro tema discutido intensamente no livro foi a metodologia e seus diversos aspectos. Inicialmente as perguntas direcionaram-se para a oralidade. Na quarta pergunta, Rajagopalan busca estabelecer os critérios utilizados para definir a variante do inglês a ser ensinada e, para isso, conta sua história pessoal e a do seu país, a Índia, com o idioma. Através do termo “world English”, o autor amplia a abrangência da língua, o que torna a preocupação com a variante a ser ensinada menos relevante, sendo prioridade a comunicação e seu aspecto cultural. Na sexta pergunta, o tema é a transferência fonológica. Ramos explica a impossibilidade de ensinar um padrão de pronúncia e orienta o trabalho com a fonologia a partir de atividades de conscientização dos sons linguísticos baseada na tabela de fonemas. Na oitava pergunta, retorna-se ao tema do ensino da oralidade, agora com a preocupação centrada na correção da pronúncia. Lima esclarece o que e em que medida corrigir, apoiando-se na noção de inglês como língua internacional, em que o sotaque deve ser considerado como marca cultural; assim, o objetivo do ensino passa a ser a comunicação com todos.

Outro aspecto metodológico tratado foi a escolha, adaptação ou libertação do método. A décima sétima pergunta questiona a possibilidade de existência de um método soberano de ensino de inglês. Bohn descreve as teorias e métodos já utilizados e sua provisoriedade, enfatizando o papel a ser assumido pelo professor com seus alunos. A décima quarta pergunta trata da descontinuidade de métodos e conteúdos adotados pelos professores e a busca de abordagens alternativas de ensino. Oliveira defende a pedagogia do “pós-método” que se ancora em três parâmetros: particularidade, praticidade e possibilidade. Ela também destaca a importância do trabalho em comunidade. A décima primeira questão relaciona-se ao anseio do professor em tornar-se independente de métodos e livros, e de alcançar a participação autônoma do aluno. Gimenez reitera a importância do ensinar a aprender e critica a ausência de uma política pública

educacional de incentivo ao aprendizado de língua estrangeira, o que prejudica alunos e professores, reiterando também, que a origem do problema da autonomia tem início já na formação do professor.

A décima quinta pergunta retoma o interesse de adequar o método, dessa vez com o objetivo de minimizar os efeitos da fossilização. Souza revisa os conceitos de interlíngua e fossilização a partir de sua origem, além de apontar soluções metodológicas mais eficazes que contemplem esses novos conhecimentos a respeito do processo de aquisição e aprendizado de L2. A décima nona pergunta refere-se à leitura em língua inglesa e aos métodos para fins específicos. Tomitch aborda o conhecimento sobre os processos cognitivos envolvidos na leitura e as estratégias a serem utilizadas pelo aluno e pelo professor para a organização das atividades de leitura. A última pergunta do livro centra-se no processo/método de avaliação. Fortes e Zilles argumentam sobre a importância de avaliar a própria avaliação, para isso, citam três conceitos fundamentais: validade, confiabilidade e praticidade; e defendem uma avaliação dialógica e emancipatória.

Um dos aspectos mais interessantes do livro são os temas relacionados à inclusão, cultura e ideologia, o que não costuma ser abordado na literatura de ensino de L2 e que ganhou um espaço muito apropriado neste livro. Na décima pergunta o foco é a inclusão dos alunos com dificuldades de integração social, partindo da psico e sociolinguística. Duas pesquisadoras, Assis-Peterson e Silva, refletem sobre a contribuição de cada uma dessas áreas e sua complementaridade, já que a primeira concentra-se no aspecto individual e a segunda no social. Elas também sugerem algumas estratégias e posturas a serem adotadas pelo professor para inclusão do aluno no grupo de aprendizagem. Na décima segunda pergunta, Leffa responde como tornar o ensino de idiomas mais inclusivo. Ele aponta três aspectos: o que o professor deve saber para incluir, qual deve ser o seu desejo, considerando o desejo do aluno, e qual deve ser a sua ação relativamente ao objeto de estudo, aos meios e ao perfil desejado. Na vigésima questão, o tema é a diversidade, em especial as adaptações para inclusão de portadores de necessidades especiais. McCleary defende a inserção de disciplinas específicas no currículo dos cursos de graduação e comenta a carência de conhecimentos científicos e de pesquisas nessa área. Também

esclarece que as adaptações metodológicas devem ser adequadas a cada tipo de deficiência, o que torna difícil abordá-las de forma genérica. Por último, o autor conta sua experiência com ensino de português como L2 para surdos.

A nona pergunta traz um tema ainda pouco explorado, qual seja: como tratar questões ideológicas nas aulas de língua inglesa. Siqueira revisa brevemente o conceito de ideologia e traça considerações sobre sua inter-relação com a linguagem e com o discurso, sugere, por fim, formas de lidar com a situação apresentada pelo questionador. Na décima sexta pergunta a preocupação está no preconceito dos alunos com relação à língua. De que forma suas culturas interferem nesse preconceito, especialmente se comparar alunos da cidade e do campo? O autor argumenta que o preconceito é consequência de práticas pedagógicas inadequadas e defende o valor educativo do ensino da língua, cujo principal objetivo é possibilitar uma visão multicultural e crítica do mundo. Na décima oitava pergunta busca-se responder o papel da cultura no ensino de língua inglesa. Lima apresenta inúmeros conceitos de cultura e sua relação com a língua, advertindo para a importância do trabalho com a compreensão inter e multicultural.

A qualidade dos diálogos acima referidos observa-se pela diversidade de temas e de visões, o que satisfaz os professores ansiosos por compartilhar seus anseios e dificuldades. A produção de materiais voltados para o ensino de inglês no Brasil, contemplando a realidade específica da educação em nosso país, é uma necessidade que, certamente, através desse livro começa a ser atendida. Percebemos que, embora a resolução de algumas questões não seja de responsabilidade apenas do professor, há muito trabalho para se fazer. É preciso movimentar-se ainda mais, tanto no ensino quanto na pesquisa em língua inglesa, e produzir mais materiais com a mesma preocupação social e qualidade deste.